

Gêneros

Tanto os filmes infanto-juvenis do presente, quanto as pornochanchadas independentes da década 70 (fenômenos que *Sinopse* analisa neste número), recuperam a discussão sobre gêneros e os obstáculos econômicos para se atingir o grande público no cinema nacional.

Os filmes infanto-juvenis de hoje têm várias caras, mas um só destino: a dificuldade de encontrar salas no reinado de *Pokémon*. Há filmes que procuram formar e ampliar uma platéia inteligente para o cinema brasileiro, os que apenas imitam o cinema americano. E há, ainda, os que misturam a TV ruim e a música péssima. A análise coloca tudo na roda, inclusive gêneros estigmatizados como a pornochanchada, do tempo em que brincar com o voyeurismo erótico do homem comum era um privilégio do cinema. No seu momento de glória econômica, as pornochanchadas se pagavam e atingiam um público adulto via erotismo. Hoje, poucos sabem que o gênero ofereceu bons filmes, e foi seara de diretores e produtores trabalhando em conjunto, numa saudável dialética industrial à procura de qualidade e público.

Nos anos setenta, o grande público foi um fato real. Hoje, essa expressão é mero eufemismo para definir um público maior que a média dos filmes brasileiros. Bons ou ruins, e na devida proporção, os *blockbusters* de hoje enfrentam os mesmos obstáculos dos filmes baratos. A rede-globalização do cinema brasileiro, por enquanto, só rendeu ao monopólio de TV, que agora se abre ao capital estrangeiro. A perspectiva disso? Talvez o surgimento da competição entre “Columbias” e “Warners” locais no futuro, produzindo com dinheiro brasileiro filmes transnacionais de lucro americano. Quem sabe, mesmo numa situação colonial, mas com empregos para diretores e produtores locais garantidos, talvez parte da classe cinematográfica brasileira satisfaça sua aspiração de sócia menor?

E já que o assunto está em moda (e modas passam), *O Informante*, de Michael Mann, explica aos ingênuos que restam e aos bom-moços de convicção (como Pedro Bial) como o monopólio corporativo transforma a informação em deformação, e democracia em tecnocracia. No Brasil, a concentração do audiovisual é uma das mais perversas do mundo (os não iniciados no assunto ler *Carta Capital*, número 117). Enquanto Al Pacino reconhece um pouco tarde a falácia democrática no capitalismo, a imprensa da província propaga de semana em semana as ilusões democratizantes da Internet (o que são os *hackers*? Nada mais que pretendentes à integração).

No Brasil, as ilusões morrem sempre mais tarde, e o cinema nacional – que poderia ser a voz crítica, a representação de uma má consciência – está com a boca bem tapada, ou perdida em discursos folclóricos, burocráticos, integrados, sempre tímidos. Um cinema sem voz, sem potência, e que, embora carregue o estigma de ser o oposto da prima rica, a TV, compõe com ela uma imagem síntese da elite nacional, sócia menor e boa cumpridora de metas, vitoriosa mas falida.

os editores